

João Cruz Costa

A HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL

[1964]

Introdução. — As idéias européias na América. — O pensamento português. — O Brasil e o século XVI em Portugal. Os "filósofos" do século XVII. — Vinda da Família Real para o Brasil. — As "Conferências Filosóficas" de Pinheiro Ferreira. — Feijó. — **A Filosofia no Brasil (1822-1872)** — O ecletismo. — Reflexos de outras correntes filosóficas espiritualistas. — A filosofia da Igreja Católica. Tradicionalistas. — Os materialistas. — **O Positivismo.** — As primeiras manifestações positivistas. — Luís Pereira Barreto. — Miguel Lemos e Teixeira Mendes. — Sentido do Positivismo. — **A Filosofia no Brasil na última fase do século XIX.** — O Germanismo. Tobias Barreto. — Sílvia Romero. — Raimundo de Farias Brito. — **A Filosofia no século XX.** — Os evolucionistas. — Os neotomistas. — Os "cientistas". — Os novos centros de estudos filosóficos.

INTRODUÇÃO

1 - As idéias européias e a América. — "Na" América — escreve Herbert Schneider — não se costuma procurar uma tradição nativa para a filosofia, mesmo porque as nossas mais vaidosas tradições estão saturadas de inspiração estrangeira." Confirmando este modo de ver, o pensador argentino Risieri Frondizi também dirá que "a filosofia ibero-americana equivale às vicissitudes do pensamento europeu em nossa América."

O Brasil, naturalmente, não faria exceção a esta regra. Aqui também, como nos demais países de origem colonial do nosso continente, repercutiu — e repercute ainda — o eco dos movimentos por que tem passado a cultura ocidental da qual fazemos parte. É certo que vivemos todos na "franja da cultura européia".

Houve, no entanto, nestes quatro séculos de formação dos nossos povos, uma *experiência histórica americana*, com a qual é mister contar quando meditamos sobre os problemas da cultura na América. Não basta, por exemplo, como bem observa Roger Bastide, mostrar como os modos lusos se espalharam na Colônia. É preciso ainda explicar o seu fenômeno de difusão. E aí, como ele diz, todo um estudo de *reinterpretação* se impõe. Assim, pode parecer por vezes excessiva, e até ridícula para alguns, a preocupação que todos temos, em nossos dias, com o problema da *filosofia americana*, mas ele tem sua razão de ser, pois nos esclarece também a respeito dessa experiência histórica que, para nós, é de grande importância. Não será demais lembrar, como ainda o faz Herbert Schneider, que as idéias passam, na América, por um estranho e curioso destino: aqui, as "circunstâncias novas servem automaticamente de campo de prova para as velhas idéias; algumas alcançam nova significação e outras se perdem logo de vista." Este estudo da *deformação* das idéias européias no seu trânsito atlântico — ou esta reinterpretação como a chama Roger Bastide, — tentamos esboçá-lo em relação ao Brasil em trabalho que já foi relativamente comentado. Ao assunto voltariamos agora, de bom grado, se fosse o caso. Mas trata-se aqui simplesmente de indicar quais as correntes filo-

sóficas que influíram sobre a inteligência brasileira e que estiveram, de algum modo, implicadas na experiência histórica pela qual passamos. Devemos, pois, limitar o nosso trabalho. Nem por isso poderemos deixar de ser levados, — pela natureza da influência ou da intercomunicação de idéias e, também, pelo sentido que essas idéias tiveram ou têm ainda na experiência brasileira, — a examinar as vicissitudes pelas quais passou o pensamento filosófico no Brasil. E não o poderemos fazer, como desejava um amável crítico, *sub specie aeternitatis*, mas, ainda uma vez — e de que modo poderia ser o problema examinado? — *sub specie societatis*... Não é possível, além disso, esquecer que a Filosofia, a partir do fim do século XIX, passou por uma profunda transformação, — que teria sido determinada pela nova contribuição que lhe trouxeram a sociologia, a economia, a antropologia. E mais uma vez voltamos a dizer que a Filosofia deve sua perenidade à constante e sempre renovada tomada dos problemas.

2 - O pensamento português. O "espírito prático". — Dado de importância essencial para a compreensão do nosso pensamento é a consideração de nossa origem colonial. Dos elementos que contribuíram para nossa formação, o português foi o que mais decisivamente influenciou em nossa inteligência. Foi ele que nos ligou à civilização ocidental. De Portugal nos veio "a *forma* atual de nossa cultura; o resto foi matéria plástica que se sujeitou mal ou bem a essa forma". Mas qual era, no que se relaciona com a visão do mundo, a atitude do português? "A par da queda para o universalismo vago de tonalidade mística, nos peninsulares existe — diz Sant'Ana Dionísio — uma propensão crassa para o excessivo culto das missões de circunstância". Essa grosseira tarefa de circunstância, adstrita mais ao fato que à sua cuidadosa interpretação, traduz-se numa *visão prática* da existência. Assim, desde cedo o pensamento português é marcado por um sinal grosseiro de praticidade e gravitará, como diz Joaquim de Carvalho, em torno de uma "problemática realista, de objeto preciso, limitado, concreto". O sentido do útil, do imediato, é o que transparece no pensamento português. Desde a Idade Média é a constância de uma posição empírica, pragmática que comanda, se assim podemos dizer, a propensão crassa para as missões de circunstância. O próprio humanismo renascentista resumiu-se em Portugal à erudição livresca. D. João entregara a Universidade aos jesuítas quando se iniciava a colonização do Brasil e estes tinham em mira sobretudo resolver com as *letras clássicas* um problema prático: o de fazer do português, como dirá Gonçalves da Câmara ao Pe. Mirão, "ainda que menos latino, bom católico"... Teve, assim, a filosofia em Portugal — que sempre foi, aliás, mais assimilação do que criação — uma feição e função didática, e a glosa seria, naturalmente, a sua principal ocupação.

3 - O Brasil e século XVI em Portugal. — Os tipos de colonizadores. — O Brasil vai abrir-se à civilização ocidental no momento mesmo em que Portugal entrava em decadência. A influência jesuítica isolava Portugal da renovação científica que se processaria a partir dos fins do século XVI e, sobretudo, no grande século que é o XVII. Portugal colaborara na magnífica aventura dos descobrimentos para a nova aurora da ciência. Mas, o notável surto, a promessa esplêndida de uma ciência positiva, que se escondia no empirismo português, estancar-se-ia, e tão cedo a cultura científica e filosófica em Portugal não encontraria meio para prosseguir. No entanto há ainda quem considere essa fuga ao progresso da ciência como verdadeira *astúcia antevisora*...!

Foi por volta da segunda metade do século XVI que dois tipos de colonizadores se instalaram no Brasil: *o jesuíta* e *o aventureiro*. A história de nossa cultura acha-se ligada — e talvez indelevelmente marcada — por eles, que, aparentemente em oposição, integram-se em um idêntico sentido de ação. De um lado, o jesuíta, empenhado na *conquista espiritual*, e do outro, o aventureiro, disposto à *conquista da terra* e dos bens materiais.

Delineiam-se, a partir de então, as duas grandes linhas de nossa cultura: uma,

que nos prende ao Atlântico, que nos faz sonhar com o outro lado do mar; a outra, que nos impele pela terra adentro, ao sertão, que, como dizia Alcântara Machado, "com a teimosia de um estribilho obsediante, com a insistência tirânica de um *leitmotiv*, aparece e reaparece na nossa história, todas as vezes que passamos por uma transformação revolucionária".

Foi dentro destas duas grandes linhas que se desenvolveu a primeira fase da evolução histórica nacional. Coube a esses dois tipos antagônicos de colonizadores a fixação da cultura européia em nossa terra. Um abriu caminhos, construiu aldeias, plantou cidades; o outro modelou a inteligência brasileira.

4 - Os "filósofos" do século XVII. — No século XVI foram fundados no Brasil os primeiros colégios da Companhia de Jesus. No Rio de Janeiro, na Bahia, no Pará, em São Paulo, haveria logo colégios que imitavam, em escala menor, o *Colégio das Artes* de Coimbra. Ali seriam ensinadas a Filosofia escolástica, ao lado da Teologia e das humanidades. Entre os escolásticos do século XVII são referidos, embora suas obras sejam quase desconhecidas, os seguintes: Diogo Gomes Carneiro (1618-1676); Frei Manuel do Desterro (1652-1706), que escreveu uma *Filosofia Escolástica*; Frei Mateus da Conceição Pina (1687), da Ordem Beneditina, que teria escrito uma *Teologia Dogmática*. Acima de todos sobressai o nome de Antônio Vieira (1608-1697) que, parece, teve conhecimento das doutrinas filosóficas de Descartes.

No século XVIII — quando, no dizer de Sílvio Romero, "o pensamento português deixa de ser o nosso mestre" e nos fomos "habitando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo" — haveria talvez a acrescentar os nomes de Nuno Marques Pereira (1652-1728), com sua obra *O Peregrino da América*, e o de Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800), que escreveu uma *Philosophia platonica seu rationalem, transnaturalem philosophiam sive logicam, physicam et metaphysicam complectens*.

Em Minas Gerais, onde chegariam, apesar de todos os cuidados da censura portuguesa, as idéias dos enciclopedistas franceses, eram lidas as obras filosóficas do século XVIII, como as de d'Alembert, de Diderot, ao lado das de S. Tomás, Mayr, Para du Phanjas e de outros escolásticos. Lia-se ainda Voltaire. Rousseau, Raynal, Mably, Montesquieu.

5 - A Família Real no Rio de Janeiro. As "conferências filosóficas" de Pinheiro Ferreira. — Foi, porém, com a vinda da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro, tangida pelos exércitos de Napoleão, que a Colônia sofreu uma grande transformação.

Escolas, academias, museus, bibliotecas, tudo isso iria agora aparecer onde, até então, só havia escolas régias e seminários. Chegou-se a pensar até na fundação de um Instituto Acadêmico, esboço de uma Universidade. No Real Colégio de São Joaquim — de onde nascerá mais tarde o Colégio Pedro II — o transfuga da Congregação do Oratório, Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), iniciava em abril de 1813 um curso de conferências filosóficas de que resultou o livro *Preleções Filosóficas sobre a Teoria do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia* (edição da Imprensa Régia, 1813). É com Silvestre Pinheiro Ferreira que, pela primeira vez, aparecem referências a filósofos alemães, como Kant, Fichte, Schelling e Hegel. Spix e Martius, nas *Viagens no Brasil*, nos anos de 1817-1820, referem-se também a Antônio Ildefonso Ferreira, professor de Filosofia em São Paulo que, na opinião deles, estava "bem informado sobre os sistemas dos filósofos do Norte". E ajuntam que foram "muito agradavelmente surpreendidos ao acharem as idéias da Escola Alemã naturalizadas em terras americanas".

Discute-se a questão do *kantismo* de Diogo Antônio Feijó (1784-1843). Este, quando esteve em Itu, com os Padres do Patrocínio, ali abriu um curso de Filosofia ra-

cional e moral, ensinando por um compêndio seu, extraído de "autoridade até então desconhecida no lugar". Eugênio Egas publicou as *Noções Preliminares de Filosofia*, de Feijó, assim como a sua *Lógica*. No primeiro destes trabalhos há uma referência a Kant. Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1775-1844), irmão de José Bonifácio, também parece ter dado, por volta de 1803, aulas de "Filosofia eclética com ressaibos de Kant". A nosso ver, o kantismo é referido por informações que chegam ao Brasil através dos ecléticos.

Bibliografia

H. Schneider, *History of American Philosophy*; **H. Schneider**, *La Emigración de ideas hacia América* (in *Filosofia y Letras*, no 38, México); **Risieri Frondizi**, *Hay una Filosofía Americana?* (in *Realidad*, nº 8, Bs. Aires); **Roger Bastide**, *Sociologie et Litterature Comparée* (in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XVII); **Cruz Costa**, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*; **Sant'Ana Dionísio**, *A Não-cooperação da Inteligência Ibérica na Criação das Ciências*; **Joaquim de Carvalho**, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa no século XVI; A Cultura Filosófica e Científica in Hist. de Portugal*, vol. IV); **H. Cidade**, *Lições sobre a Cultura e a Lit. Portuguesas*; **Antônio Sérgio**, *O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal*, in *Ensaios*, vol. II; **Alcântara Machado**, *Vida e Morte do Bandeirante*; **Joaquim Nabuco**, *A Minha Formação*; **Serafim Leite**, *História da Companhia de Jesus no Brasil*; **Capistrano de Abreu**, *Capítulos de História Colonial*; **Fernando de Azevedo**, *A Cultura Brasileira*; **Alcides Bezerra**, *Achegas à História da Filosofia*; **Ivan Lins**, *Aspectos do Padre Antônio Vieira*. **Af. Taunay**, *Frei Gaspar. — Memórias para a Hist. da Capitania de S. Vicente*; **Eduardo Frieiro**, *O Diabo na Livraria do Cônego*; **O. Lima**, *D. João VI no Brasil*; **Spix e Martius**, *Traveis in Brazil in the Years 1817-1820*; **Clóvis Beviláqua**, *Kant no Brasil* (in *Revista da Academia*, 1929); **Miguel Reale**, *Doutrina de Kant no Brasil*; **Larerte R. Carvalho**, *Feijó e o Kantismo*; **Otávio Tarquínio de Souza**, *Diogo Antônio Feijó*; **Aluísio de Almeida**, *Aula de Retórica em S. Paulo*, in *Estado de São Paulo*.

A FILOSOFIA NO BRASIL DE 1822 A 1878

A partir do século XVIII Portugal deixa de ser nosso mestre. A França seria, como disse Santa Rita Durão, *nossa madrinha*. Voltamos para a França cuja missão, na época, consistiu em "acordar, instruir e guiar" as nações. Enxertaríamos, assim, na tradição portuguesa, garfos novos de outras visões do mundo. No século XIX pediríamos à França, à Inglaterra e à Alemanha novos figurinos literários e filosóficos.

Às escolas de preparação profissional instituídas por D. João VI, o Primeiro Império acrescentou os dois cursos de Ciências Jurídicas e Sociais — o de São Paulo e o de Olinda, nascidos à sombra de dois conventos: o de São Francisco e o de S. Bento.

1 - Os ecléticos. — Frei Francisco de Mont'Alverne, natural do Rio de Janeiro (1784-1858), marca, se assim podemos dizer, o *momento de transição* entre o pensamento colonial e o do Brasil independente. Nas suas idéias ainda se reflete a influência do Genuense, de Locke e de Condillac. São estas idéias, e as de Cousin e de Laromiguière, as que aparecem, de maneira confusa e retórica, no *Compêndio de Filosofia* do frade-orador. (O *Compêndio* data talvez de 1833, mas só foi publicado depois da morte de seu autor, em 1859). Dele diz Leonel Franca que, numa primeira fase de sua "filosofia", o frade-orador "fundiu, num amálgama heterogêneo e incoerente, teorias

sensualistas com idéias espiritualistas, caldeou Locke com Descartes, Condillac com Leibniz." E tudo isso graças a "vulgarizadores de segunda e de terceira mão". Mais tarde, quando, conheceu algumas obras do *ecletismo* francês, Mont'Alverne, com verdadeira afoiteza, aderiu a essa doutrina.

Cabe, porém, a Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia, Rio de Janeiro, 1811-1882) o haver sido o verdadeiro introdutor do *ecletismo* no Brasil.

Esta doutrina, condizia com os *ideais políticos, monárquicos*, do jovem Império sul-americano, pois o ecletismo é uma filosofia de conciliações e parecia ser essa a orientação mais adequada ao período histórico pelo qual passava então o Brasil.

Esta doutrina iria constituir como que a *ideologia* do Império, pois apresentava a Filosofia "como uma aliada afetuosa e indispensável da religião [...], como uma fé preparatória que deixa ao cristianismo lugar aos seus dogmas e todo o seu alcance sobre a humanidade." O ecletismo propunha paz a todos os sistemas e, assim, condizia com o voltairianismo das elites do Império... Talvez por isso, como bem observou Clóvis Beviláqua, foi ela a "filosofia que mais extensas e mais profundas raízes encontrou na alma brasileira".

Gonçalves de Magalhães, depois de fazer os seus preparatórios no Seminário de S. José, formou-se em Medicina: regeu a cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, deixando-a para dedicar-se à carreira diplomática. Os seus principais trabalhos filosóficos são: *Os Fatos do Espírito Humano* (1858), *A Alma e o Cérebro* (estudos de psicologia e de fisiologia) (1876) e os *Comentários e Pensamentos* (1880). Seu estilo, assim como as suas idéias, assemelham-se muito às de Victor Cousin, que seguiu de perto. Que idéias apresenta? Já dissemos: as de Cousin, e também, uma mistura bastante confusa de Gioberti e de Rosmini, tudo isso num farfalhar de palavras, como se poderá verificar na primeira parte de sua obra, os *Fatos do Espírito Humano*. Neste livro diz ainda: "não preveniremos o leitor expondo aqui, em resumo, a doutrina deste livro. A surpresa é um dos encantos de quem lê." Mas a surpresa é, no caso, um verdadeiro desencanto... A obra filosófica de Magalhães em nada difere de sua fastidiosa *Confederação dos Tamoiós*, que foi examinada, de maneira tão chistosa, por Alcântara Machado. Sua "filosofia" é um longo e fastidioso comentário de doutrinas que pretendem fundamentar o seu vago espiritualismo. Mas perde-se nos comentários e nada fundamenta...

Aos ecléticos pertence ainda Manuel Maria de Moraes e Vale (Rio de Janeiro, 1824-1886), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que publicou em 1851 um *Compêndio de Filosofia*. Este livro — e isso é sintomático! — pretendia apenas "facilitar aos alunos a preparação rápida do exame de admissão às Faculdades superiores..." O que confirma a opinião do Padre Júlio Maria quando dizia que, no Brasil, a Filosofia não passava de um preparatório...

A obra tem hoje somente valor histórico. As idéias expostas são as de Victor Cousin, aliás um espiritualismo vago que se mistura com um não menos vago sensualismo.

2 - Reflexos de outras correntes espiritualistas. — Eduardo Ferreira França (Bahia 1809-1857), formou-se em Medicina em Paris. Foi professor de Química médica e de Mineralogia da Faculdade de Medicina da Bahia. Era, segundo diz Sacramento Blake, que foi seu aluno, muito querido pelos estudantes. Em Paris escreveu a tese: *Essai sur L'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'Homme*, 1834 (trabalho traduzido para o português pelo Dr. João Ferreira de Bitencourt e Sá e publicado em 1851).

Ferreira França foi, como ele mesmo dirá no seu trabalho *Investigações de Psicologia* (1854), inicialmente um discípulo do Destutt de Tracy, "um discípulo do materialismo, e estava convencido que nada havia além da matéria, que o espírito era uma simples função de um órgão". Mas, com o tempo, "o profundo Maine de Biran contribu-

iu especialmente para esclarecer minha inteligência". Na obra de Ferreira França proliferam as faculdades. Vão além de 12! A *faculdade do futuro*, a *faculdade da fé!* Também no que diz respeito aos instintos Ferreira França é um verdadeiro perdulário! O instinto da *astúcia*, a *habitatividade*, a *aquisitividade!* O da *aprobatividade*, da *sujeição...* outros tantos instintos que não revelam, infelizmente, grande argúcia crítica do nosso filósofo.

Figura curiosa do movimento eclético no Brasil é a de Antônio Pedro de Figueiredo (Pernambuco, 1814? 1822-1859), cognominado: O *Cousin Fusco*. Em 1843 traduziu para o português o *Curso de História da Filosofia*, de Victor Cousin. Professor do Ginásio de Pernambuco, publicou em Recife a revista Progresso (1846). em que exerceu como diz Gilberto Freyre, a crítica das idéias e a crítica social de modo às vezes surpreendente. Ao seu ecletismo misturam-se, parece, as influências de "Owen, Fourier e, sobretudo, de Saint-Simon, cujas doutrinas socialistas procurou adaptar às condições e necessidades da região". Antônio Pedro de Figueiredo foi amigo de Louis Léger Vauthier, o engenheiro francês que, no Recife dos meados do século XIX, segundo se afirma, teve importante ação socialista. O nosso Cousin Fusco teria sido, assim, um representante, no Brasil, das idéias saint-simonianas.

O Padre Patrício Muniz (Funchal, 1820 - Rio de Janeiro, 1871) estudou em Paris e em Roma. Em 1863 publicou, no Rio de Janeiro, seu livro: *Teoria da Afirmação Pura*. Foi no Brasil, segundo diz Sílvio Romero, um dos primeiros contraditores da Filosofia eclética, e talvez um dos primeiros seguidores das idéias de Krause. Nem Sílvio Romero, nem Leonel França têm, porém, grande simpatia pelo sacerdote. O primeiro diz que a "teologia católica, em suas mãos, reveste-se de uma sobre-casaca emprestada pela metafísica moderna" e o segundo: "De escolástica o bom padre não entende migalha". E mais: "a filosofia transcendental da afirmação pura nasceu com o seu livro e com ele morreu. Bem lhe basta. É de justiça." Em seu livro há coisas como estas: "o relativo é a dedutibilidade do positivo"; "o absoluto é a afirmação discreta do definido e do indefinido", e outras do mesmo jaez, que justificam plenamente a opinião dos dois autores que acabamos de citar. É possível, porém, que o Padre Patrício Muniz ainda tenha seguidores em nossos dias...

Outro sacerdote, Monsenhor Gregório Lipparoni, italiano, já veio homem formado para o Brasil. Foi Reitor do Seminário de Olinda e amigo de um discípulo fervoroso de Rosmini, o Bispo Cardoso Aires. Mais tarde, dizendo-se perseguido pelos jesuítas por não haver tomado posição na "Questão Religiosa", veio para o Rio de Janeiro e foi professor de italiano do Colégio Pedro II. Em 1880 publicou a *Filosofia conforme a Mente de S. Tomás de Aquino, exposta por Antônio Rosmini em Harmonia com a Ciência e com a Religião*.

Monsenhor Lipparoni oferece aí uma Filosofia ao Imperador voltairiano para que, com ela, se encetasse uma *Filosofia nacional...* Sousa Bandeira, em artigo na Revista Brasileira intitulado Rosmini e a *Sociedade Brasileira*, diria — e com razão — que a obra de Monsenhor Lipparoni "é um trabalho de propaganda e de propaganda mal feita, pois o seu autor propõe-se a vulgarizar Rosmini e a encetar com ele, aqui no Brasil, a Filosofia nacional. O Sr. Lipparoni despreza o desenvolvimento histórico nacional para, sem atender às leis que regem a formação do desenvolvimento nacional, inculcar-nos um sistema filosófico". E — "se não temos filosofia nacional, ninguém contesta que o ecletismo (acrescentava Sousa Bandeira) apoderou-se de nossas escolas e nelas tem sido ensinado, proporcionando-nos pelo menos a preciosa vantagem de um critério filosófico que não é dogma".

Discípulos do ecletismo, mas com tonalidades krausistas, foram também Pedro Américo de Figueiredo e Melo (Paraíba, 1843-1905,) o pintor, que se doutorou em Bruxelas com uma tese que viria a ser o livro *La Science et les Systèmes* (1869), e Carlos Mariano Galvão Bueno (S. Paulo, 1834-1883), professor do curso anexo da Facul-

dade de Direito de São Paulo, que escreveu as *Noções de Filosofia acomodadas ao Sistema de Krause e extraída das Obras Filosóficas de G. Tiberghien e Ahrens* (1877).

Bibliografia

Roger Picard, *Le Romantisme social*; **Sílvio Romero**, *A Filosofia no Brasil*; **Sílvio Romero**, *Hist. da Lit. Brasileira*; **Laerte R. de Carvalho**, *A Lógica de Mont'Alverne*, (in Bol. Fac. Fil. C. e Letras da Universidade de São Paulo, Vol. 2) **Francisco de Mont'Alverne**, *Compêndio de Filosofia*; **Leonel Franca**, *Noções de Hist. da Filosofia*; **Alcântara Machado**, *Gonçalves de Magalhães ou o Romântico Arrependido*; **Jules Simon**, *Victor Cousin*; **H. Taine**, *Les Philosophes classiques du XIXa siècle*; **Sacramento Blake**, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*; **Carlos Rubens**, *Pequena História das Artes Plásticas no Brasil*; **Luís Correia de Melo**, *Dicionário dos Autores Paulistas*; **Gilberto Freyre**, *Nordeste; Um Engenheiro Francês no Brasil*; **Amaro Quintas**, *O Progresso*; **Antônio Pedro de Figueiredo**, *O Cousin Fusco*, in Bol. da Fac. F. da Universidade do Recife. — Seção E — Hist. e Geografia) **A. H. de Sousa Bandeira**, *Rosmini e a Sociedade Brasileira*, in *Revista Brasileira*, (1881).

3 - A Filosofia da Igreja Católica. — A "Questão Religiosa" veio reafirmar, no Brasil, o interesse pela filosofia da Igreja. Um dos representantes da filosofia católica no Brasil é José Soriano de Sousa [Pernambuco (1833-1895)], professor da Faculdade de Direito do Recife. José Soriano de Sousa formou-se em Medicina no Rio de Janeiro e, mais tarde, em Filosofia, na Universidade de Lovaina. As principais obras de José Soriano de Sousa são: *Compêndio de Filosofia, ordenado segundo os Princípios e o Método do Doutor S. Tomás de Aquino* (1867), *Lições de Filosofia Elementar, Racional e Moral* (1871); *Princípios Sociais e Políticos de S. Agostinho* (1866); *Princípios Sociais e Políticos de S. Tomás de Aquino* (1866); *Considerações sobre a Igreja e o Estado* (1874), e outras relativas a questões de Direito. Soriano de Sousa foi, ainda, deputado na Monarquia e constituinte em 1891.

As idéias de Soriano de Sousa seguem de perto, como diz Leonel Franca, "o movimento espiritualista da Europa", isto é, a renovação da Filosofia da Igreja, consubstanciada na corrente neotomista. É quando se refere a esse movimento que diz, retratando a situação da Filosofia no Brasil nessa época: "Aqui a Filosofia que geralmente se ensina é um misto de cartesianismo e de ecletismo, que para cá nos mandam os escritores franceses, e essa mesma se acha reduzida a tão mesquinhas proporções que quase poderia desaparecer dos quadros dos estudos preparatórios". Ainda aí, na própria renovação dos estudos filosóficos escolásticos, o nosso país refletia a moda da época, pois o pensamento de Soriano nada mais é que glosa das idéias contemporâneas, as de Liberatore, de Taparelli, Sanseverino e Kleutgen. Nada de original há nele. É mais um dos muitos glosadores que temos tido na história da inteligência erudita brasileira.

Outro representante do pensamento escolástico deste período é D. José Afonso de Moraes Torres, Bispo do Pará (Rio de Janeiro, 1805-1865), que publicou um *Compêndio de Filosofia* (1852). Moraes Torres, que foi educado no Colégio do Caraça, nada tem, tampouco, de original. As doutrinas de Moraes Torres, como escreve Leonel Franca, "são de um espiritualismo que eu hesitaria em chamar de escolástico, tanto distam da profundidade e da coerência dos grandes mestres do século XIII".

De fato, porém, o que domina nesse período entre os letrados brasileiros é um ecletismo que se traduz numa atitude *louisphilliparde*, prática e pouco interessada, afinal, em idéias. Fortes razões tinha, pois, João Ribeiro quando disse — e bem mais tarde! — *que o nosso idealismo não se alonga muito longe da terra nem vai além dos mais*

próximos planetas...

4 - Tradicionalistas. — Representantes do *tradicionalismo* de Ventura de Raulica, que Clóvis Beviláqua, em *Esboços e Fragmentos*, nega ter havido no Brasil, são, na opinião de Monsenhor Dr. Castro Néri, um certo Dr. A. Secioso (que é talvez um pseudônimo), que escreveu acerca da *Necessidade Absoluta do Ensino da Filosofia Católica, nos Seminários Episcopais* (1866) e Frei Firmino de Centelhas, espanhol, professor do Seminário de São Paulo e que escreveu o *Compêndio de Filosofia Católico-Racional* (1864).

Bibliografia

Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império*; **Sílvio Romero**, *ob. cit.*; *Evolução da Lit. Brasileira*; **Leonel Franca**, *ob. cit.*; **Cruz Costa**, *ob. cit.*; *A Filosofia no Brasil*; **Gilberto Freyre**, *Casa Grande e Senzala*; **Pe. Júlio Maria**, *O Catolicismo no Brasil*; **Sérgio Buarque de Holanda**, *Raízes do Brasil*; **João Dornas Filho**, *O Padroado e a Igreja no Brasil*; **Basílio de Magalhães**, *Estudos de História do Brasil*; **Renato de Mendonça**, *O Barão de Penedo e a sua Época*; **A. O. Viveiros de Castro**, *A Questão Religiosa* (in Contribuição para a Biografia de D. Pedro II, cap. VII n° IV Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, (1925); **Monsenhor Dr. J. Castro Néri**: *Teria havido tradicionalismo no Brasil?* (in Verbum, t.I., fasc. 1).

5 - Os materialistas. — Domingos Quedes Cabral (Bahia, 1852-1883) e José de Araújo Ribeiro (Rio Grande do Sul, 1800-1879) podem ser incluídos, neste período, como os representantes das doutrinas materialistas.

Domingos Guedes Cabral publicou na Bahia, em 1876, as *Funções do Cérebro*, trabalho que escrevera para apresentar como tese de doutoramento em Medicina mas que aquela escola recusou. Os colegas de Guedes Cabral, como protesto contra a "coarctação da liberdade de pensamento que, por toda parte, vemos limitado" — publicaram-lhe o trabalho. "Despertado por leituras de literatura médica, escreve Guedes Cabral nas primeiras páginas de seu livro, encaminhei meus estudos para assuntos de uma especialidade delicada, essa que nos oferece a filosofia positiva, que não é outra coisa mais do que a lógica aplicada aos fatos e que diverge de outra filosofia e que tem, ao invés dela, como base as ciências naturais e a experimentação". Os autores que ele segue são Darwin, Huxley, Broca, Longet, Büchner, Moleschott, Le Bon e outros naturalistas e médicos do tempo. O homem, diz é apenas "um macaco aperfeiçoado". Do ponto de vista moral, não é menos categórico o médico baiano: o "bem é uma convenção". Estas primeiras manifestações materialistas, "cientistas", não revelam, como se verifica na obra de Guedes Cabral, um espírito crítico assentado no bom senso mas uma simples adesão a uma nova fé.

José de Araújo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, formou-se em Direito em Coimbra e foi diplomata. Mais tarde foi senador do Império. Dele se conta que, durante as sessões do Senado, tinha sempre, ao pé de si, um Dicionário de Moraes, o que nunca é mau mesmo para os políticos... José de Araújo Ribeiro é autor de umas *Cartas Políticas* e do curioso livro, aparecido anonimamente em 1875, cujo título é o *Fim da Criação ou a Natureza Interpretada pelo Senso Comum*. Crê o Visconde do Rio Grande que um dos meios pelos quais "o espírito humano chegou a importantes resultados nas ciências parece ter sido o de generalizar idéias parciais, aplicando a muitas coisas o que se não conhecia senão de poucas". O Visconde pretende mostrar que a terra é dotada de uma vida própria e se nutre, como os indivíduos organizados, e que deve, como estes indivíduos, crescer de volume, colhendo nas regiões do espaço, por intermédio de sua atmosfera, a

matéria necessária à sua nutrição e crescimento. A finalidade da morte consiste, para o Visconde, nisto: morremos para engrossar as camadas dos terrenos quaternários. Assim, toda a nossa vida só tem um sentido: o de dar maior espessura aos terrenos geológicos !

"A nossa vida moral ou espiritual — acrescenta ainda — [...] desaparece inteiramente com a morte e, de ordinário, antes da mesma morte, como se fora um sonho, não ficando de real e de positivo senão o nosso cadáver, essa porção de ar condensado que a terra logo reclama, e que a mesma natureza nos constringe a entregar-lhe sem maior tardança. Tudo isto está na consciência dos homens refletidos, mas conviria que estivesse na de todos, visto que o conhecimento do nosso poder real, na economia da natureza, não deve deixar de nos ser vantajoso. Ele nos poupará ilusões que são sempre causa de males." Tenebrosa visão, a do Visconde!...

Bibliografia

Leonel Franca: *ob. cit.*; **Sacramento Blake:** *ob. cit.*; **Cruz Costa:** *ob. cit.*; **Argeu Guimarães:** *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro.*

O POSITIVISMO

O Positivismo. — A primeira grande transformação na história da inteligência brasileira dá-se nos meados do século XIX. Foi naquele momento que ressoou a polifonia de novas correntes de idéias no Brasil e, a mais importante delas, o *positivismo*.

As primeiras manifestações das doutrinas positivistas no Brasil datam de 1850. Nesse ano, Manuel Joaquim Ferreira de Sá apresentou tese de doutoramento à Escola Militar, em que havia alusão às idéias de Augusto Comte. Joaquim Alexandre Manso Saião (1851) e Manuel Pinto Peixoto (1853) também fizeram o mesmo. Augusto Dias Carneiro (1854) sustentava, em outro trabalho, as idéias de Comte. Em 1858, Antônio Ferrão Muniz de Aragão louvava-se igualmente em Comte. Em 1865, o opúsculo *A Escravatura no Brasil*, de Francisco Brandão Júnior, "apesar de imperfeitamente traduzir os ensinamentos de Augusto Comte — como escreve Teixeira Mendes — constitui a primeira manifestação social de positivismo entre nós". Desde 1867 Benjamim Constant Botelho de Magalhães (Rio de Janeiro, 1836-1891), em cartas escritas à esposa, manifestava idéias religiosas positivistas. Mas o ardor religioso de Benjamim Constant, arrefeceria mais tarde.

2 - Luís Pereira Barreto. — É de 1874 a publicação do primeiro volume da obra *As Três Filosofias*, do Dr. Luís Pereira Barreto (Rio de Janeiro, 1840-1923).

A obra de Pereira Barreto não apresenta, nem parece que o autor tivesse isto em vista, originalidade. Sua intenção consistiu em orientar, com as novas idéias positivistas, a política nacional. Mas o importante é assinalar a presença da realidade brasileira em sua obra. Isso é original na linha dos nossos "filósofos", e mister é indicar também o espírito crítico que manifesta nos seus escritos. As suas principais obras são: *As Três Filosofias*, das quais só apareceram a primeira e a segunda, respectivamente: *A Filosofia Teológica* (1874) e *A Filosofia Metafísica* (1876). Além destas, escreveu ainda: *Soluções Positivas da Política Brasileira* (1880) e *Positivismo e Teologia* (1880).

"A primeira obra de divulgação da doutrina positivista, livro que inaugura a tendência positivista no Brasil, — escrevamos na *Contribuição à História das Idéias no Brasil* (1956) — vem marcada por um anseio de reforma prática, eficaz, ativa, que não existe nos demais filosofantes brasileiros, todos eles simples repetidores de doutrinas

puras. Não há, é certo, já o dissemos, originalidade na obra de Pereira Barreto, que é um positivista heterodoxo, embora, como bem viu Clóvis Beviláqua, apresente "boa soma de idéias fecundas... toda vez que o autor volta os olhos para a pátria". Ao mesmo tempo que se publicava o primeiro volume de Pereira Barreto, em 1874, Miguel Lemos (Rio de Janeiro, 1854-1917), então estudante da Escola Central, travava conhecimento com algumas obras de Comte. Percorrendo certa vez as estantes de um livreiro, dera ele com os olhos numa obra em cujo dorso lera: Comte, *Philosophie Positive*. "Ao ler este qualificativo — escreve Miguel Lemos — ligado a uma palavra que para mim era então sinônimo de palavrório vazio, encolhi os ombros, sem dignar-me sequer a folhear o volume tratado." Até então a doutrina de Augusto Comte fizera-se sentir, de modo difuso, através de professores de matemática que utilizavam em seus cursos as obras de Comte. Benjamim Constant era um deles.

3 - Miguel Lemos e Teixeira Mendes. — Em 1875 já Miguel Lemos era um "ardente discípulo da filosofia positiva". Nesse mesmo ano, Raimundo Teixeira Mendes (Maranhão, 1855-1927) aderiu também às idéias de Comte. "Em fins de 1874 consumara-se a ruína das minhas crenças teológicas" — escreve Teixeira Mendes. Dois motivos levá-lo-iam a essa emancipação e logo depois à conversão ao positivismo: o antagonismo entre a Igreja Católica e as suas convicções republicanas, e a leitura de algumas páginas dos *Primeiros Princípios* de Herbert Spencer.

É mister assinalar que desde 1874, quando entra a expandir-se o positivismo no Rio de Janeiro, havia dois grupos positivistas: o dos *ortodoxos*. (Miguel Lemos e) e o dos *heterodoxos* ou *dissidentes*. Do segundo grupo fizeram parte Antônio Carlos de Oliveira Guimarães, Álvaro de Oliveira, Joaquim Ribeiro de Mendonça. Os ortodoxos são os fundadores da Igreja Positivista do Brasil, cuja sede ainda se encontra à Rua Benjamim Constant, 74, no Rio de Janeiro, verdadeiro marco de um dos grandes momentos da história da nossa cultura.

O segundo grupo, o heterodoxo, limitou-se "a recomendar a filosofia científica de Comte, sem nenhuma preocupação política e social"; o outro teve marcada atividade religiosa.

As doutrinas de ambos os grupos são as de Comte. Talvez o fato de ficarem muito de perto adstritos à doutrina tenha sido a causa, precisamente, do declínio da influência positivista no Brasil. A razão sofre sempre quando fica submissa a qualquer autoridade, ainda quando não seja a de um homem...

As principais obras de Miguel Lemos são: *Circulares* (Apostolado Positivista do Brasil, de 1881 a 1897), *O Positivismo e a Escravidão Moderna* (2ª ed., 1934); *Le Positivisme et le Sophiste Pierre Laffitte* (2ª ed., 1936); *Imigração Chinesa* (1881); *Nossa Iniciação no Positivismo* (1889). Em colaboração com Teixeira Mendes, *Bases de uma Constituição Política, Ditatorial, Federativa, para a República Brasileira, a Política Brasileira e a Grande Naturalização* (24ª ed., 1935).

De Teixeira Mendes, que foi o sucessor de Lemos no Apostolado, há a assinalar: *O Ano sem Par* (1900), *Benjamim Constant* (Ed. Comemorativa, 1936); *A Pátria Brasileira* (2ª ed., 1902); *Resumo Cronológico da Evolução do Positivismo no Brasil* (1930), *A Universidade* (2ª ed., 1903). *A Bandeira Nacional* (2ª ed., 1921).

4 - Sentido do Positivismo. — Republicanos, a seu modo, os positivistas do Apostolado não concorreram diretamente para a transformação política de 15 de novembro de 1889, para a proclamação da República. No seu Benjamim Constant, assim escreve Teixeira Mendes: "Nós fomos alheios ao levante (de 15 de novembro de 1889): não o aconselhamos, e nem o aconselharíamos, se houvésemos sido previamente consultados". A sua ação, porém, terá grande peso por ocasião da primeira Constituinte republicana, em 1891. "A história do Positivismo ainda não acabou" — escrevia há al-

guns anos, com razão e sem veleidades de paradoxo, Oto Maria Carpeaux. O positivismo brasileiro tem sido uma espécie de grande mito em nossa história. Ele é, talvez, como tão bem percebeu o mesmo autor, "um símbolo de realidades mais profundas", talvez o símbolo de profundas contradições do destino nacional. E, se declinou como doutrina, talvez esteja ainda vigente, em forma difusa, na nossa maneira de considerar a vida e o mundo.

Bibliografia

Além das obras de **Miguel Lemos**, de **Teixeira Mendes** e de outras publicações do *Apostolado* (v. Catálogo geral do *Apostolado*, consultar **João Camilo de Oliveira Torres**, *O Positivismo no Brasil*; **Cruz Costa**, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*; **José Maria Bello**, *História da República*; **Pe. Gruber**, *Le Positivisme depuis Comte jusqu'à nos jours*; **João Pernetta**, *Os Dois Apóstolos*; **Oliveira Vianna**, *O Ocaso do Império*; **Sérgio Buarque de Hollanda**, *Raízes do Brasil*; **Agenor de Boure**, *A Constituinte Republicana*; **Hermes Lima**, "O Positivismo e a República" (in Revista do Brasil; nov. 1939); **Oto Maria Carpeaux**, "Notas sobre o Destino do Positivismo" (in Rumo; jan. 1943); **Ivan Lins**, *Positivistas e Católicos*.

A FILOSOFIA NO BRASIL NA ÚLTIMA FASE DO SÉCULO XIX

A Abolição foi um dos momentos mais importantes da vida social e política brasileira. Ela assinalou o fim do Império que ruíu silenciosamente um ano e pouco depois de feita a abolição da escravatura. No período de cinquenta anos que medeia entre 1872 e 1922, as transformações foram grandes. O Positivismo declinou — ou talvez, mais exatamente, manteve-se *difuso* — e outras "aventuras do espírito" tiveram lugar nas elites intelectuais, importadoras sensíveis de idéias da Europa.

Uma das correntes que entrou a concorrer, se assim podemos dizer, com o Positivismo — e que esteve a serviço do *Positivismo difuso* a que nos referimos — foi o *Evolucionismo*.

Negando a metafísica e afirmando que todo o conhecimento está contido nas ciências positivas, o positivismo condizia, como observou Clóvis Beviláqua, com a mentalidade de homens cujas "inteligências são pouco atreitas às contensões prolongadas e às abstrações elevadas", com tudo "quanto dispense — como também diz Sérgio Buarque de Hollanda um trabalho mental contínuo e fatigante", pois "as idéias claras, lúcidas, definitivas, parecem-nos constituir a verdadeira essência da sabedoria". O amor da forma fixa, do *definitivo*, das "leis gerais que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito dos nossos desejos, é dos aspectos mais constantes e significativos do caráter brasileiro" (Sérgio Buarque de Hollanda).

O Naturalismo, ou melhor, um Naturalismo simplista, avassalou todos os meios cultos na segunda metade do século XIX. Uma espécie de idolatria pela ciência, desprovida de verdadeiro senso crítico, caracteriza, também na Europa, o materialismo vulgar. Nas bibliotecas brasileiras da época é freqüente encontrarmos as traduções dos livros de Moleschott, de Vogt, de Büchner, que tão profunda influência exerceram também sobre os homens de idéias positivas da época... Daí para o monismo evolucionista seria um passo fácil de dar.

1 - O Germanismo. Tobias Barreto — A Alemanha era a detentora da ciência, o seu prestígio crescera com a vitória sobre a França de Napoleão III. Para nós, a influência da filosofia alemã não seria uma volta a Kant, mas uma verdadeira corrida ao monismo evolucionista de Ludwig Noiré, "oráculo da filosofia coeva", como dirá João Ribeiro: "Falava-se de Noiré como se fala de Homero e de Shakespeare"... O representante máximo do movimento germanista no Brasil foi Tobias Barreto de Menezes (Sergipe, 1839-1889). Os principais livros de Tobias Barreto são: *Filosofia e Crítica*, *Estudos Alemães*, *Questões Vigentes*, e outros que figuram hoje numa coleção de obras completas publicada pelo Estado de Sergipe.

Versátil, passa Tobias Barreto do espiritualismo cousiniano ao Positivismo (e isto, de março para abril do mesmo ano!). Aos poucos, encaminhar-se-ia para a sua mania germânica, que, como dirá — curioso sintoma! — "é uma espécie de isolador de qualquer comunicação mais íntima com o espírito geral da literatura pátria!"... É tal o ridículo dessa mania de isolamento que Tobias Barreto acaba publicando, na cidade de Escada, um jornal em língua alemã — o *Deutscher Kaempfer!* — o escrito, composto e, talvez, só por ele lido!...

Tobias Barreto exerceu, por certo, ação, e ação renovadora, arejadora (como dirá Graça Aranha), sobre a inteligência brasileira. Sua influência, creio, vinha de sua boêmia, do seu todo decidido, desempenado, algo capadócio, que deliciava seus jovens estudantes. Mas suas obras revelam apenas um *filosofante*, encantado com as novas árias que lhe vinham de uma distante Germânia e que ele recompunha, com escandaloso ruído, para os ouvidos acostumados ao cantochão ou à dolente modinha da canção de viola... Tem razão o Padre Leonel Franca quando escreve que na sua excursão espiritual Tobias Barreto colheu "alguma erudição para embevecer os simples". Mas sua afoiteza, seu *filoneísmo*, e, talvez, certa irresponsabilidade cultural, não lhe permitiriam construir mais; registrou e comentou, foi pálido e inexato eco do que vinha do outro lado do Atlântico. Do espiritualismo vago de Cousin, volta ao espiritualismo naturalizante de Noiré e às idéias de Ed. von Hartmann. Sugeriu muito aos moços do seu tempo, registrando e comentando. E, isso, no seu tempo já foi muito, pois que outros, embora comentassem, nada sugeriam...

2 - Sílvio Romero. — Não se isolando do espírito geral da literatura da Pátria, mas, ao contrário, voltado e atento para ele — essa foi a atitude do amigo de Tobias Barreto, Sílvio Romero (Sergipe, 1851-1914), que encontrou na literatura e na filosofia estrangeiras, principalmente na alemã, não o isolador mas uma espécie de tônico — como ele mesmo dirá — para o seu espírito. "Espírito ativo, trabalhador, incansável, Romero aplicou sua multiforme operosidade à História, à Etnografia, ao Direito, à Poesia e à Crítica literária, principalmente à Crítica literária. Filósofo, foi-o também, mas incidentalmente. É criticando, historiando ou ensinando que vai semeando suas idéias sobre Filosofia".

Sílvio Romero sofrerá, como os demais brasileiros de seu tempo, a influência do Ecletismo e do Positivismo, pois a uma mistura dessas duas filosofias talvez se resumiu toda a "filosofia" do Brasil do século XIX. Passa por uma série de encantamentos filosóficos — fenômeno tão freqüente no Brasil — mas, é curioso, não lhes é fiel. Se houve filosofia a que mais se prendesse, foi ao evolucionismo spenceriano. Mas há, em Sílvio Romero, grande desconfiança em relação às doutrinas.

Naturalmente, ele, como outros homens "cultos" do seu tempo, importadores de idéias, adesistas afoitos das novas sistemáticas, também sofreria a influência dos Vogt, dos Moleschott, dos Büchner e seria, como os demais, tocado pelas idéias de Haeckel. Mas acabaria dizendo também — com o desempenho que lhe era próprio — na Filosofia do Direito, que as "cosmogonias, fisiofilias, filogenias, psicofilias, fisiogenias e quejandos" de Haeckel são patacoadas. É mister não esquecer que foi com Sílvio Romero que

a mercadoria intelectual de importação passou a constituir, senão matéria menos importante, matéria susceptível de verdadeiro aproveitamento em face dos problemas nacionais. Sílvio Romero inicia uma fase de nova interpretação do Brasil. Sua figura — com seus erros, seus exageros, suas antipatias, sempre tão fortes quanto suas simpatias — avulta no último quartel do século XIX. Não considerava como filosofia, respondia a Garcia de Merou, essas "monstruosas construções fantasistas, abstratas e arbitrárias que tinham o nome de sistemas e a pretensão de dar a chave do enigma de todas as coisas". A filosofia para Sílvio Romero foi apenas um método e não um feixe de fórmulas.

As principais obras de Sílvio Romero são: *A Filosofia no Brasil* (1878); *História da Literatura Brasileira* (1ª ed., 1888); *Doutrina Contra Doutrina* (1894) e *Ensaio de Filosofia do Direito* (1895).

3 - Raimundo de Farias Brito (Ceará, 1862-1917). — pertenceu, pela sua formação, ao grupo germanista do Recife mas nele ocupa posição solitária. Toda a sua vida, depois de algumas tentativas fracassadas na política, consagrou-a ao professorado e ao estudo da Filosofia. Isso lhe deu lugar especial na história das idéias do Brasil.

Mas sua obra é folhuda, monótona, eterno comentário, nunca terminado, das mais diversas tendências, sugeridas por leituras que traduzem as vicissitudes da importação cultural, do aparecimento, nas livrarias, das novidades européias e que, frequentemente, levam o filósofo a mudar de rota, sem o afastar — é justo que se ajunte — da sua preocupação de reforma ou de regeneração moral.

De Schopenhauer e Von Hartmann, passando por Lange, Kuno Fischer, Vacherot, Gratreuil, Renouvier, Spencer, até Bergson, todas as tonalidades da última fase da filosofia do século XIX influíram na filosofia de Farias Brito. "Espiritualista descrente e indeciso que se encaminhou (?) para o domínio da fé", como escreveu João Ribeiro, Farias Brito, desde a *Finalidade do Mundo* (que é o seu primeiro livro), até o *Mundo Interior*, toca, como dizíamos, um pouco de ouvido, as músicas modernas da filosofia de seu tempo. Mas confunde os temas, e sua obra, caliginosa e melancólica, varia, varia sempre, mantendo um leitmotiv naturalista, de mistura, como justamente observou João Ribeiro, com um hesitante espiritualismo. Dissemos que "por tudo passa deslumbrado e incerto" e nada mais deixa do que a impressão de uma vida triste de intelectual que chegou cedo, inoportunamente, — "virtuoso" canhestro de concertos ainda impossíveis para o meio em que vivia... Suas principais obras são: *A Finalidade do Mundo* (1ª parte: *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito*, 1895, a 2ª parte: *A Filosofia Moderna*, 1899; a 3ª parte: *Evolução e Relatividade*, 1905); *A Verdade como Regra das Ações*, 1905; *A Base Física do Espírito*, 1912; *O Mundo Interior*, 1914.

Bibliografia

Cruz Costa, *ob. cit.*; **Leonel França**, *ob. cit.*; **Clóvis Beviláqua**, *Esboços e Fragmentos*; **Graça Aranha**, *O meu próprio Romance*; **Sérgio Buarque de Hollanda**, *ob. cit.*; **Fernando de Azevedo**, *A Cultura Brasileira*; **João Ribeiro**, "A Filosofia no Brasil" (in *Revista do Brasil*, nº 22, ano II); **Hermes Lima**, *Tobias Barreto*; **Omer Mont'Alegre**, *Tobias Barreto*; **Sílvio Romero**, *Evolução da Lit. Brasileira, História da Lit. Brasileira. Outros Estudos de Lit. Contemporânea*; **Alceu Amoroso Lima**, *Estudos*; **Sílvio Rabelo**, *Itinerário de Sílvio Romero*; **Laerte Ramos de Carvalho**, *A Formação Filosófica de Farias Brito*; **Jônatas Serrano**, *Farias Brito*; **Carlos Sussekind de Mendonça**, *Sílvio Romero — sua Formação Intelectual*; **Antônio Cândido de Melo e Souza**, *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero*; **Jackson de Figueiredo**, *Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito*; **Gilberto Freyre**, *Perfil de Euclides e outros Perfis*; **Sílvio Rabelo**, *Farias Brito ou Uma Aventura do Espírito*.

A FILOSOFIA NO BRASIL NO SÉCULO XX

1 - Os evolucionistas. — Sob a influência do Positivismo difuso, do Evolucionismo e dos movimentos sociais que se passaram na Europa, a inteligência brasileira toma novos rumos no século XX. Sucederia assim ao *filosofismo* dos tempos do Império o *sociologismo*, marcado, inicialmente, pelo traço positivista spenceriano ou evolucionista, às vezes timidamente ou claramente materialista.

A mesma afoiteza, o mesmo *filoneísmo* — e o mesmo caráter "prático" — caracterizam as novas tendências da inteligência brasileira dos primeiros anos do nosso século. "Como se sabe, escrevia Sílvio Romero em 1904, toda a velha barulhada que se costumava levantar com relação à natureza intrínseca da História, a qual dava lugar a uns poucos sistemas, anda agora a repetir-se, mais calorosamente ainda, no que diz respeito à natureza e índole da Sociedade e da Sociologia." E esta seria, no dizer de Mário de Andrade, "a arte de salvar rapidamente o Brasil". Ela e a Pedagogia...

Confundem-se na primeira metade do século XX, em que atuam ainda as figuras de Sílvio Romero, Farias Brito e outros, as várias correntes filosóficas que vinham do passado.

Continuando o movimento evolucionista, Fausto Cardoso (Sergipe, 1864-1906) publicava em 1894 a sua *Concepção Monística do Universo* e, em 1898, a *Taxinomia Social*. Em 1898 José Estelita M. Tapajós publicou os seus *Ensaio de Filosofia e Ciência*. Tito Lívio de Castro (Rio de Janeiro, 1864-1890), *A Mulher e a Sociogenia* (s.d.). "*Questões e Problemas*" (1913); Afonso Regulo de Oliveira Fausto, *A Evolução Ontogenética do Embrião Humano e as suas Relações com a Filogenia*. Marcolino Fragoso (*O Genióide Alítrico*) pertenceu à mesma diretriz de pensamento. Ainda nesse sentido, mas modificado pela influência de Rabier, Worms e Alfred Weber, então muito lidos no Brasil, é o trabalho de Vicente de Sousa (Bahia, 1852-1908), *Curso de Lógica* (1903), e o de J. Salles Torres Homem, *Manual de Filosofia Escolar* (1889).

Vindos da influência do evolucionismo da Escola do Recife, Clóvis Beviláqua (Ceará, 1859-1944), o "santo do evolucionismo brasileiro", mais jurista que filósofo, e cujas principais obras são, para o que nos interessa aqui: *Esboços e Fragmentos* (1899) e *Juristas Filósofos* (1897); Graça Aranha (Maranhão, 1868-1931), do qual se tem dito que procurou criar uma "metafísica" da experiência brasileira. Suas principais obras, que interessam à Filosofia, são: *A Estética da Vida e O Espírito Moderno*, assim como João Carneiro de Souza Bandeira, que escreveu *Estudos e Ensaio* (1901) e Laurindo Leão, autor de uma *História da Filosofia* (1932) e dos *Estudos de Filosofia do Direito* (1904).

2 - Os neotomistas. — A filosofia católica sempre teve, como vimos, seguidores no Brasil. No século XX, destacam-se Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Visconde de Sabóia (Rio de Janeiro, 1825-1904), médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, além de ter escrito um forte libelo contra o regime republicano (*Traços da Política Republicana no Brasil*, 1897), publicou, em 1903, a *Vida Psíquica do Homem (Ensaio sobre o materialismo, e o espiritualismo)*, onde faz a defesa de um confuso espiritualismo científico. Nessa obra são criticados os positivistas e "os monarquistas" que queriam agradar a "republicanos e a monarquistas", como era o caso do P.e Júlio Maria...

São citados, no livro do Visconde de Sabóia, os autores mais conhecidos na época, e o Visconde, percebe-se, está a par dos autores modernos. Mas percebe-se também que não assimilou inteiramente as doutrinas pelas quais se batia...

Em 1908 foi fundada em São Paulo a Faculdade Livre de Filosofia e Letras (São

Bento). É curioso assinalar, de passagem, que, por duas vezes, coube a uma cidade de trabalho como é São Paulo a fundação de faculdades de filosofia: uma primeira vez, a Faculdade Livre, de caráter religioso, e, na segunda, a Faculdade (leiga) de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, que representam, talvez, dois momentos importantes de idéias que tomam corpo no mais poderoso centro econômico do país.

Na nova Faculdade, criada em 1908 — e que deveria constituir uma espécie de nova estaca na história da filosofia da Igreja no Brasil, — veio ensinar Monsenhor Charles Sentroul, que aqui publicou um *Curso de Lógica* (2ª ed., 1912), bem diverso já, sob muitos aspectos, dos confusos tratados de lógica existentes no país. De 1912 é também o *Breve Curso de Filosofia* do P.e Francisco M. Terlizzi, destinado "ao uso da mocidade". São dois volumes enormes, que não contêm matéria de grande valor e são escritos em má linguagem.

De 1917 é a *Lógica* do P.e Luís Donato Rivieccio, também dedicada "à briosa mocidade brasileira". Nesse livro de 159 páginas há um apêndice crítica à *Lógica* do Dr. Vicente de Sousa.

Interessante e apresentando já um caráter mais moderno é a *Sinopse de Lógica* (1918), do Cardeal Arcoverde (Pernambuco, 1850-1930), editada por Mons. Fernando Rangel. O livro compõe-se das aulas que o Cardeal dera, no Seminário de Olinda, quando ali ensinou.

As tendências neotomistas tomariam vulto, porém, ao entrarem a atuar, se assim podemos dizer, sobre as elites e, por intermédio destas, sobre a política. Mais uma vez verifica-se a constância pragmática das idéias no Brasil. É com Jackson de Figueiredo (Sergipe, 1891-1928) que se vai movimentar, com direção precisa e decidida, a renovação intelectual do catolicismo brasileiro. Ardente, dando até a impressão de ser um fanático, Jackson de Figueiredo foi educado, no Norte, nas idéias ainda sobreviventes do evolucionismo que se irradiara do Recife. Quando estudante, na Bahia, apedrejou os jesuítas portugueses que ali desembarcaram, tangidos pela perseguição que lhes moveram os republicanos de 5 de outubro de 1910. No Rio de Janeiro, para onde veio, passou por uma angustiosa crise e, afinal, voltou à Igreja, tornando-se seu cavaleiro andante até a morte, em 1928. As suas principais obras são: *Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito* (1916); *A Questão Social na Filosofia de Farias Brito* (1919); *Pascal e a Inquietação Moderna* (1922); *Correspondência* (1944).

Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 1893), também conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde, é o sucessor de Jackson de Figueiredo na chefia do laicalismo brasileiro. Formado, como Jackson de Figueiredo, numa atmosfera intelectual de indiferença religiosa, sofrendo as influências do "cientismo" e do bergsonismo de seu tempo, Alceu Amoroso Lima foi reconduzido à Igreja graças ao Padre Leonel Franca e a Jackson de Figueiredo. Sua obra, das mais importantes para a compreensão do Brasil moderno, é muito vasta e marcada também pela influência de Jacques Maritain. Seus principais livros são: *O Espírito Moderno e o Mundo* (1936); *Meditações sobre o Mundo Moderno* (1942); *Mitos do nosso tempo* (1943); *O Existencialismo* (1951).

O movimento neotomista brasileiro teve no Padre Leonel Franca, S. J. (Rio Grande do Sul, 1893-1948), o seu mais ardoroso defensor. Este jesuíta, que era também um dos mais cultos intelectuais do país, devotou-se inteiramente à verdadeira elevação do catolicismo no Brasil. Seu estudo, *A Filosofia no Brasil*, traduz, naturalmente, seu ponto de vista, mas é imprescindível para todo aquele que queira conhecer alguma coisa do assunto. Soube dar, porém, à síntese que empreendeu, em que não falta por vezes fina ironia, grande encanto. Dele diz Alceu Amoroso Lima, traçando-lhe o retrato, que é sugestivo: "não dava, à primeira vista, a impressão de saber muito. Sabia calar, sabia ouvir. Sabia ouvir como ninguém! Não fazia questão de brilhar [coisa tão rara, no brasileiro, acrescentamos nós]. Muito ao contrário. Silenciava quanto podia. Mas, à medida

que íamos ao âmago da sua ciência, íamos sendo tomados de uma impressão de respeito, até desistirmos de avançar mais, pois quanto mais descíamos e aprofundávamos um tema, mais sólido encontrávamos o terreno, mais difícil ia sendo qualquer contradição, mais convincentes os seus argumentos, a sua dialética de cimento armado". Homem de ação, fundou a Universidade Católica do Rio de Janeiro (1940), a revista *Verbum* (1944). Suas principais obras são: *Noções de História da Filosofia* (1ª ed., 1919); a *Psicologia da Fé* (1934); *A Crise do Mundo Moderno* (1941).

O Padre Maurílio Teixeira Leite Penido (Rio de Janeiro, 1895), professor da Faculdade Nacional de Filosofia, fez seus estudos na Europa, doutorando-se em Filosofia e Teologia em Friburgo, onde ensinou, de 1928 a 1938. É, talvez, no campo da metafísica, o mais alto representante brasileiro. Suas principais obras são: *La Méthode Intuitive de Mr. Bergson* (1918); *Le Dieu Bergsonien* (1934); *Le Rôle de L'Analogie*.

Arthur Versiani Velloso (Minas Gerais, 1906), professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, sofreu a influência dos positivistas, dos kantianos, de Émile Bréhier e Leonel Franca, e pertence à corrente de Marechal, Sertillanges e Rousselot. Suas obras principais: *A Filosofia e seu Estudo* (1947); *Introdução à História da Filosofia* (1947); *A Quiddidade do Real* (1949); *A Vida de Kant* (1956).

João Camilo de Oliveira Torres (Minas Gerais, 1915) é seguidor das idéias de Maritain. Sua principal obra é *O Positivismo no Brasil* (1945).

Em São Paulo, em torno do antigo núcleo criado por Monsenhor Sentroul, na Faculdade Livre de São Bento, hoje integrada na Universidade Católica de São Paulo, destaca-se o Prof. Alexandre Correia (1890), professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da Universidade Católica. É grande o número de trabalhos filosóficos que escreveu, entre eles, a tradução da *Summa Theologica* de São Tomás de Aquino (1913-1928). Leonardo Van Acker, professor belga, radicado há muito no Brasil, pertence também ao mesmo grupo, assim como o beneditino Dom Cândido Padim. Monsenhor Dr. José Bueno de Castro Néri (São Paulo, 1901) doutorou-se em Roma, na Universidade Gregoriana, e é membro da Academia Paulista de Letras, Suas principais obras são: *O Problema do Conhecimento* (1934); *Evolução do Pensamento Antigo* (1936).

Jônatas Serrano (1885-1944) escreveu uma *História da Filosofia* (1944) e o livro *Farias Brito* (1939). Muitos outros haveria a enumerar nesta poderosa corrente do pensamento da Igreja mas, infelizmente, falta-nos uma completa biobibliografia filosófica brasileira.

3 - Os "cientistas". — Dissemos que o Positivismo, embora tivesse entrado em declínio na primeira fase deste século, tem ainda muitos representantes no Brasil. O maior deles é, por certo, Ivan de Barros Lins (Minas Gerais, 1904). Honesto investigador, Ivan Lins tem posto à luz inúmeros problemas do positivismo brasileiro e estudado outras questões ligadas à História da Filosofia, como, por exemplo, o problema do cartesianismo de Antônio Vieira. Suas principais obras são: *Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia* (3ª ed., 1955); *Descartes* (1940); *A Concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva* (1939); *Católicos e Positivistas* (1937). João Pernetta é autor de um estudo sobre Miguel Lemos e Teixeira Mendes: *Os Dois Apóstolos* (1927), e Benjamim de Oliveira Filho (Rio de Janeiro, 1894), de uma *Filosofia Social de Augusto Comte* (1954). Figuras de importância ligadas ainda ao Positivismo são as de Vicente Licínio Cardoso (Rio de Janeiro, 1889-1931), que, preocupado inicialmente com problemas de arte, voltaria todo seu interesse, mais tarde, para os problemas brasileiros. Seus principais trabalhos são: *A Filosofia da Arte* (1918); *Pensamentos Brasileiros* (1924) e uma obra póstuma: *À Margem da História do Brasil* (1934); e Amoro-so Costa (1888-1929), que escreveu *As Idéias Fundamentais da Matemática*. Euríalo Canabrava (Minas Gerais, 1908) está ligado às novas idéias da Filosofia científica. Pro-

fessor de Filosofia do Colégio Pedro II, Euríalo Canabrava na primeira fase de sua carreira escreveu: *Seis Temas do Espírito Moderno* e *Descartes e Bergson*. Da nova fase são as seguintes obras: *Elementos de Metodologia Científica* (1956) e *Introdução à Filosofia Científica*.

Francisco Pontes de Miranda (Recife, 1892) publicou um curioso trabalho: *O Problema Fundamental do Conhecimento* (1939) e *A Moral do Futuro* (1912).

Miguel Reale (S. Paulo, 1910). professor de Filosofia do Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, é, como o classifica seu discípulo Cirell Czerna, "representante da filosofia da cultura, no sentido neokantiano e, especialmente, realista crítico". Suas principais obras são: *O Estado Moderno* (1934); *A Doutrina de Kant no Brasil* (1949); *Horizontes do Direito e da História* (1955); *Filosofia do Direito* (1953).

A Miguel Reale liga-se o grupo do Instituto Brasileiro de Filosofia (1949), onde encontramos representantes das mais variadas correntes, desde os neotomistas até os existencialistas, tais como Heraldo Barbuy (S. Paulo, 1913): *Filosofia da Forma e Metafísica da Arte* (1939) e *O Problema do Ser* (1950); Luís Washington Vita (S. Paulo, 1921): *A Filosofia no Brasil* (1950), *Arte e Existência* (1950); Vicente Ferreira da Silva (S. Paulo, 1916): *Ensaaios Filosóficos* (1948); *Exegese da Ação* (1950); Renato Cirell Czerna (S. Paulo, 1922): *Natureza e Espírito*, (1950). *A Filosofia Jurídica de Croce* (1956); Jessy Santos (S. Paulo, 1909): *Instinto, Razão e Intuição* (1950); Roland Corbier (S. Paulo, 1914): *Consciência e Nação* (1950); Hélio Jaguaribe: *Idéias para a Filosofia no Brasil* (1954); Almeida Magalhães: *Farias Brito e a Reação Espiritualista* (1918); Carlos de Campos, Armando Câmara e outros.

Caio Prado Júnior (S. Paulo, 1907) é o mais autorizado representante do marxismo; publicou, em 1952, o seu discutido trabalho *A Dialética de Conhecimento*. Na mesma corrente de idéias Leôncio Basbaum publicou *Fundamentos do Materialismo*.

4 - Os novos centros de estudos filosóficos. — Ao lado destes, outro grupo — o das novas Faculdades de Filosofia, criadas a partir de 1934 — vem-se dedicando também ao trabalho filosófico. Entre eles citamos: Djacir Menezes, Álvaro Vieira Pinto, Eduardo Prado de Mendonça (Rio de Janeiro); Amaro Xisto de Queirós, P.e Orlando de Oliveira Villela, Belém Morse (Minas Gerais); Sílvio Rabelo: *Farias Brito — uma Aventura do Espírito*, 1941; *Itinerário de Sílvio Romero*, 1944; *Euclides da Cunha*, 1948; Lívio Teixeira (S. Paulo, 1902): *Nicolau de Cusa*, 1951; *A Doutrina dos Modos da Percepção e o Conceito de Abstração na Filosofia de Espinosa*, 1954; *Ensaio sobre a Moral de Descartes*, 1955; Laerte Ramos de Carvalho (S. Paulo, 1922): *A Lógica de Mont'Alverne*, 1945; e *A Formação Filosófica de Farias Brito*, 1951; Luís Castagnola: *O Pensamento Filosófico no Brasil*; Lineu de Camargo Schützer, João Cunha Andrade, Mário Leônidas Casanova, José Arthur Giannotti, Ruy Fausto e outros, e mais recentemente o grupo do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (I.S.E.B.).

Ao terminar este resumo da história da filosofia no Brasil, devemos acrescentar que, a partir de 1922 — ou, mais precisamente, de 1930 — nota-se um grande interesse pelos problemas filosóficos, o que talvez coincide com um progresso da consciência no Brasil.

Bibliografia

Sílvio Romero, *Outros Estudos de Lit. Contemporânea*; **Cruz Costa**, *A Filosofia no Brasil*; *Contribuição à História das Idéias no Brasil*; *O Positivismo na República*; **Capistrano de Abreu**, *Ensaaios e Estudos*; **Clóvis Beviláqua**, *Esboços e Fragmentos*; **Leonel Franca**, *Noções de Hist. da Filosofia*; **João do Rio**, *O Momento Literário*; **Graça**

Aranha, *O Meu Próprio Romance*; **Nelson Werneck Sodré**, *Orienta o do Pensamento Brasileiro*; **G. Francovich**, *Filósofos Brasile os*; **Antônio G mez Robledo**, *La Filosofía en el Brasil*; **Hamilton Nogueira**, *Jackson de Figueiredo*; **Gilberto Amado**, *A minha Forma o no Recife*; **Padovani-Costagnola**, *História da Filosofia, Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia*; **Luís Washington Vita**, *A Filosofia no Brasil*.

Fonte:

Enciclopedia Delta Larousse, vol. IV, p.1941-1954. 2^a ed. 1964. Rio de Janeiro.